

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ETNO-ORNITOLOGIA POR UMA COMUNIDADE RURAL DE ARAGUARI/MG

SHIRLEY MACHADO DE ALMEIDA

Monografia apresentada à Coordenação do Curso  
de Ciências Biológicas, da Universidade Federal  
de Uberlândia, para a obtenção do grau de  
Bacharel em Ciências Biológicas

Uberlândia – MG

Julho – 2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ETNO-ORNITOLOGIA POR UMA COMUNIDADE RURAL DE ARAGUARI/MG

SHIRLEY MACHADO DE ALMEIDA

PROF. DR. OSWALDO MARÇAL JÚNIOR

Monografia apresentada à Coordenação do Curso  
de Ciências Biológicas, da Universidade Federal  
de Uberlândia, para a obtenção do grau de  
Bacharel em Ciências Biológicas

Uberlândia – MG

Julho – 2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

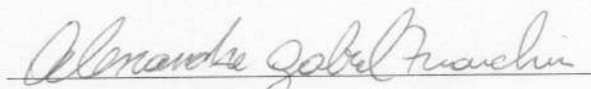
ETNO-ORNITOLOGIA POR UMA COMUNIDADE RURAL DE ARAGUARI/MG

SHIRLEY MACHADO DE ALMEIDA

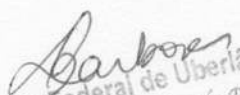
Aprovado pela Banca Examinadora em 22/07/03 Nota 100

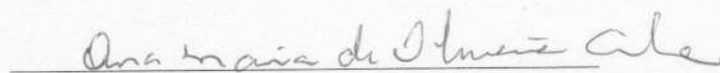


Prof. Dr. Oswaldo Marçal Júnior  
(Orientador)



Ms. Alexandre Gabriel Franchin  
(Co-orientador)

  
Universidade Federal de Uberlândia  
Prof.ª Dra. Ana Angélica Almeida Barbosa  
Coordenadora do Curso de Ciências Biológicas



Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Cunha  
(membro da banca)

Uberlândia, 22 de 07 de 2003.



## Agradecimentos

*Todos os agradecimentos aos meus pais ainda serão poucos...do sonho de meu pai (ver as filhas formadas) que tornou-se meu sonho; da dedicação total de minha mãe à família. Obrigada pelo apoio, carinho, amor, a educação e cobrança que foram essenciais para eu chegar até aqui.*

*Às minhas irmãs, Sirley e Sheila, obrigada pela paciência nas horas de aborrecimento e mau humor; saibam que vocês também são capazes e que essa irmã chata aqui, acredita mais em vocês do que qualquer outra pessoa. Amo vocês!*

*Oswaldo, uma grande admiração, pelo profissional que você é e pela sua pessoa, surgiu em mim desde o dia que o conheci e cresce a cada dia. Aprendi muito com você e me sinto totalmente privilegiada por ter trabalhado sob sua orientação. Obrigada pelo apoio, confiança, por me dar ânimo quando este faltava e por acreditar mais na minha capacidade do que eu mesma.*

*Alexandre, obrigada em primeiro lugar por despertar em mim a paixão pelas aves. Agradeço ainda por toda ajuda dada para que este trabalho fosse possível e por todas vezes que sentou ao meu lado para me ajudar encaminhar o trabalho.*

*À Ana Cunha, por aceitar participar da Banca Examinadora.*

*Ao Antônio José, Secretário do Meio Ambiente de Araguari, por todo apoio, sempre disposto a ajudar e ao David, motorista, que tantas vezes nos levou ao Distrito.*

*À Alzira, pela companhia e ajuda no início da pesquisa.*

*A todos os entrevistados, que nos receberam tão bem sempre, principalmente à Marina com quem pude contar para apresentação dos participantes da pesquisa, debaixo de sol ou chuva e D.Lourdes (*in memoriam*) por nos acolher. Sem vocês esse trabalho não seria possível!*

*Ao GCP, minhas eternas companheiras e confidentes, obrigada pelo apoio, carinho e ajuda nas decisões mais difíceis. São pessoas como vocês que fazem valer a vida!*

*Lím, minha irmãzinha de coração, obrigada por me ouvir e ser companheira sempre. Te amo muito!*

*A todos os outros que contribuíram tanto para realização deste trabalho, como para minha formação profissional e pessoal, meu muito obrigada!*

Trabalho realizado com apoio da Secretaria Municipal  
de Meio Ambiente da Prefeitura de Araguari, MG.

**Dedicatória:**

*Dedico este trabalho aos meus pais, que tantas vezes deixaram seus sonhos de lado para tornarem o meu possível e aos meus filhos de coração: Milena (minha princesa), Gleysson (meu fofinho) e Ticianne (minha bolinha de algodão).*



## RESUMO

Este estudo foi realizado no Distrito de Florestina (Araguari/MG), com o objetivo de avaliar o nível de percepção dessa comunidade sobre a avifauna da região, assim como os critérios de identificação e a nomenclatura. A pesquisa foi desenvolvida entre janeiro de 2002 e julho de 2003, a partir de uma abordagem qualitativa (êmico/ética). Foram estabelecidos contatos com a comunidade para obtenção de informações sobre hábitos e costumes locais e seleção dos informantes. Entrevistas estruturadas foram realizadas com 12 moradores e uma coleção com 66 imagens e 33 sons de aves foi apresentada aos dois melhores informantes. Os entrevistados reconheceram 83 etnoespécies, descrevendo diversos aspectos comportamentais (acasalamento, diversidade alimentar, vocalizações) e mitos sobre as aves. O canto foi um importante critério de identificação e as aves utilizadas para consumo, prejudiciais à lavoura e admiradas pelo canto foram mais facilmente identificadas. Cor, tamanho e forma foram os principais atributos morfológicos de identificação. A maioria dos nomes populares foi uninomial. A comunidade apresenta um grande conhecimento sobre a história natural das aves e elevada capacidade de identificação (visual e acústica) das aves.

**Palavras-chave:** êmico/ética, informantes, aves, etno-ornitologia

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
2. MATERIAL E MÉTODOS.....	05
2.1. Área de estudo.....	05
2.2. Procedimentos.....	06
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	08
3.1. Metodologia.....	08
3.2. Etno-ornitologia.....	09
3.2.1. Conhecimento popular sobre a história natural das aves.....	09
3.2.2. Identificação e nomenclatura populares.....	16
4. CONCLUSÕES.....	22
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23
6. ANEXOS.....	27
7. APÊNDICE.....	33



## 1-INTRODUÇÃO

A Ecologia Humana consiste no estudo da relação do homem com o ambiente. Entre suas muitas linhas de pesquisa, destacam-se as abordagens evolutiva e etnobiológica. Na primeira, são enfocados aspectos antropológicos e de evolução cultural, como a ecologia cultural que pode ser vertical (pais para filhos), horizontal (mesma geração) e/ou oblíqua (entre gerações) (Begossi, 1993). Na etnobiologia procura-se entender como comunidades primitivas (pescadores, agricultores e índios) percebem o ambiente, classificam-no e o constroem, comparando com os conhecimentos científicos (Vayda & Rapport, 1968; Berlin, 1973; Begossi, 1993).

As três maiores linhas de pesquisa da etnobiologia são a identificação, a nomenclatura e a classificação (Berlin, 1973). De acordo com a natureza do estudo, a etnobiologia pode ser dividida em áreas como etnoecologia, etnozootologia e etnobotânica, sendo esta última a área com maior concentração de estudos. Essas áreas, provavelmente, são mais pesquisadas, pelo fato de apresentarem maior "utilidade" (Begossi, 1993). Cada uma delas, por sua vez, pode ser subdividida. Assim, na etnozootologia, por exemplo, podem ser identificadas subáreas como etnoentomologia, a etnoictiologia, etno-ornitologia, entre outras (Begossi, 1993).

Há uma grande variedade de trabalhos etnobotânicos como o de Berlin (1966), no qual foi analisada uma amostra de 200 nomes de plantas nativas de Tzeltal, município de Tenejapa, Chiapas, México, que apresentou correspondência de 34% das espécies nomeadas, com a classificação Botânica.

No estudo de Emmerich & Valle (1991), feito no Parque Indígena do Xingu, buscou-se identificar os conhecimentos do povo indígena sobre plantas usadas no controle da natalidade. Foram descritas seis plantas, que são usadas como abortivas, anticonceptivas, conceptivas e sexo dominante. Foi descrito ainda como e quando devem ser utilizadas, sendo que uma mesma espécie pode ser usada para mais de uma função, conforme é feito o extrato.

O estudo de Posey (1983), feito com os índios Kayapó do Brasil Central, mostra o sistema de classificação entomológica popular. Esse sistema tem pontos de correspondência com taxonomias científicas, principalmente nos níveis de classe, ordem e família. Os insetos são de grande importância social e cultural para as comunidades pesquisadas, principalmente os insetos sociais, que são apontados em suas crenças e cerimônias.

Begossi & Garavello (1990) trataram da etnoictiologia com pescadores do rio Tocantins, em que o principal critério usado para classificação foi morfológico. As espécies mais bem classificadas foram àquelas utilizadas para o comércio, alimentação e/ou fins medicinais.

Trabalho etnotaxonômico realizado por Ribeiro & Marçal Junior (1996) na comunidade rural de Cruzeiro dos Peixotos (Uberlândia, MG), avaliou os princípios usados pela população para identificar e nomear artrópodos. Todos os artrópodos utilizados (cerca de 90 espécies) foram identificados e nomeados, sendo que características morfológicas e ecológicas foram os principais critérios empregados. Os grupos melhor identificados foram os que apresentam maior significado cultural.



Marques (1998), trabalhando no Baixo São Francisco (Alagoas), investigou a percepção da comunidade local em relação à vocalização de aves. O autor concluiu que existem indivíduos com grande percepção auditiva para aves e que são comparáveis aos ornitólogos treinados. Para ele, as aves influenciam na cultura dos camponeses e estes as humanizam nas suas estórias.

Cadima (2000), trabalhando na comunidade de Miraporanga (Uberlândia, MG) avaliou o conhecimento popular sobre as aves, investigando os princípios usados pela comunidade local para identificá-las e nomeá-las, comparando os resultados com o conhecimento científico. As aves mais facilmente identificadas foram aquelas usadas para consumo, comércio e as prejudiciais às lavouras, além das que são apreciadas pelo seu canto. Caracteres morfológicos foram importantes para a identificação e a maioria das etnoespécies apresentou nomes uninomiais. A comunidade foi considerada com um nível de percepção apurado e com grande riqueza cultural.

Os estudos etnobiológicos são de fundamental importância para entendermos a cultura das populações e como interagem com o ambiente natural. Como fazer com que povos primitivos preservem o seu ambiente, senão a partir do conhecimento deles próprios? Assim, Begossi (1998) coloca a importância das comunidades locais e seu envolvimento nos processos de manejo e unidades de conservação. Pode ser mais fácil conscientizar as populações, quando se trata de algo que lhes causa interesse direto.

A Ecologia Humana, mais particularmente a etnobiologia, é uma área relativamente nova de investigação, razão pela qual ainda foram poucos os trabalhos desenvolvidos com esta abordagem na região do Triângulo Mineiro. Com intuito de contribuir para uma melhor compreensão do conhecimento das comunidades rurais, desenvolvemos a presente pesquisa, com os seguintes objetivos: a) avaliar o nível de conhecimento da comunidade de Florestina

(Araguari/MG), sobre a avifauna da região; b) investigar os critérios usados pela população para identificar e nomear; c) comparar o conhecimento popular com o científico.



## 2-MATERIAL E MÉTODOS

### 2.1-Área de estudo

A pesquisa foi realizada no município de Araguari, situada a oeste de Minas Gerais, sob as coordenadas 18° 31' 59,5" S; 48° 11' 35,5" O e a 941 metros de altitude. A região apresenta relevo pouco acidentado, com caracteres do Planalto Central, ou seja, constituído por chapadões cortados por vales, mais ou menos profundos. A vegetação característica é predominantemente de Cerrado, sendo encontradas todas as fisionomias deste Bioma - de campo sujo a cerradão, entrecortado por floresta semi-decídua. Essa floresta ocorre, em geral, como mata ciliar e/ou de galeria, desenvolve-se nas áreas de predominância dos solos derivados do basalto, de características muito férteis (A & M Consultores Associados Ltda, 1998).

O município possui diversos distritos rurais, cuja população é de cerca de 9.200 habitantes (IBGE, 2000). O trabalho foi desenvolvido em uma dessas localidades, o distrito de Florestina, localizado ao norte do município, distando cerca de 35 km da sua sede (apenas 6 km da rodovia BR-050), na saída para Catalão (GO). Trata-se de uma típica localidade rural, com um pequeno povoado formado por poucas casas e algumas fazendas ao seu redor. Possui energia elétrica, um

estabelecimento comercial, uma capela, um campo de futebol e uma escola pública, atualmente desativada.

## 2.2-Procedimentos

A pesquisa foi realizada no período de janeiro de 2002 a julho de 2003, utilizando-se abordagem qualitativa, na qual foram investigados aspectos do conhecimento popular e seu significado cultural para a comunidade pesquisada (estudo êmico), como também a relação desse conhecimento empírico com o conhecimento científico (estudo ético) (Harris, 1976).

A metodologia seguiu os princípios etnometodológicos propostos por Posey (1983). Inicialmente, foram realizadas visitas à comunidade rural, para reconhecimento da área de estudo, estabelecendo contato com os moradores, a fim de se obter maiores informações sobre seus hábitos e costumes. Minayo (1993) destaca essa fase da pesquisa como crucial para desenvolver a investigação, pois permite fluir relações pessoais e saber como apresentar a pesquisa, a quem se apresentar, por meio de quem e com quem estabelecer os primeiros contatos. Os primeiros contatos com os informantes foram facilitados por uma das moradoras do distrito, a qual fomos apresentados previamente. Tratou-se de uma mulher de meia idade, natural da comunidade e que tinha um grande conhecimento sobre o local.

Na primeira etapa foram realizadas entrevistas estruturadas para identificação dos critérios usados pelos informantes para identificar e nomear aves, além da obtenção de informações sobre a história natural deste grupo e se estas estão sendo transmitidas culturalmente de forma vertical (Begossi, 1993). O questionário utilizado nessa entrevista foi composto de questões discursivas (abertas) e de múltipla escolha (fechadas) (Anexo 1). Esse instrumento foi aplicado a 12 informantes, que foram escolhidos por seu interesse em participar da pesquisa, como também por



não terem conhecimento científico sobre aves. A partir dos resultados obtidos nessa etapa, foram selecionados os indivíduos que apresentaram o maior conhecimento empírico sobre a avifauna da região - "melhores informantes" - que participaram da segunda fase da pesquisa.

Nesse segundo momento, foram apresentados imagens e cantos de aves do cerrado aos informantes para identificar seus critérios de identificação e nomenclatura. O material visual utilizado consistiu de pranchas (12X10 cm) de fundo negro, contendo 66 (sessenta e seis) imagens de espécies de aves, das quais 60 (sessenta) fazem parte da avifauna da região e seis não são encontradas no Cerrado, motivo pelo qual foram usadas como controle (Anexo 2). Todas as imagens foram copiadas de guias de campo (Höfling & Camargo, 1996; De La Peña & Rumboll, 1998). O material acústico foi composto por uma compilação de 33 (trinta e três) vozes de aves, gravadas em Compact Disc (CD), a partir de obras especializadas dos seguintes autores: Vielliard (1995a; 1995b; 1999), Gonzaga & Castioglioni (2001). As vocalizações incluíram 30 (trinta) cantos de aves da fauna regional e 3 (três) não encontradas na região (controle). Também foram realizados testes para avaliar a capacidade dos informantes em associar vozes e imagens (vocalização/visualização). Para tanto, foram selecionadas 20 (vinte) espécies, sendo todas da avifauna regional (Anexo 3). Nesse teste, as pranchas eram todas colocadas sobre uma mesa. Após a reprodução de um canto, o informante era solicitado a identificar a que etnoespécie pertencia a vocalização, indicando a prancha correspondente. Todos os cantos foram reproduzidos sucessivamente até que nenhuma prancha restasse na mesa. A seleção das espécies que ocorrem na região, foi realizada com base em Marini (2001).

Na interpretação dos dados, as respostas foram apresentadas em categorias e analisadas a partir dos princípios etnobiológicos propostos por Berlin (1973).

### 3-RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1- Metodologia

Na escolha do distrito de Florestina como área de estudo, levou-se em conta o fato de ser uma comunidade pequena, com moradores nascidos e criados na região e por seus moradores possuírem contato direto com ambientes naturais propícios para abrigar aves comuns do cerrado. Na Ecologia Humana, as informações são geralmente coletadas em comunidades locais em pequena escala, tais como indivíduos ou famílias (Nehrer & Begossi, 2000). Note-se que o contato com a comunidade pesquisada foi facilitado pelo auxílio de uma moradora do distrito, o que permitiu uma identificação mais rápida dos informantes, tanto no distrito como nas fazendas vizinhas.

Diamond (1989) citado por Begossi & Garavello (1990) aponta problemas em usar-se somente figuras em pesquisas etnobiológicas. Um dos problemas encontrados nessa pesquisa com as figuras foi a dificuldade de padronização nos tamanhos; além das cores, que algumas vezes não eram muito nítidas. Procurou-se contornar essa dificuldade, alertando os entrevistados sobre esses problemas, de modo que acreditamos que essa limitação não prejudicou os resultados



obtidos. Quanto à utilização de vocalizações, acreditamos que tenha sido uma inovação importante, embora também tenhamos enfrentado uma certa dificuldade em termos da qualidade de alguns cantos, principalmente quando os mesmos apresentavam outros sons de fundo. Vale notar, no entanto, que, na natureza, os cantos também são ouvidos com interferência e sendo assim, qualquer depuração de ruídos que fosse aplicada ao material acústico poderia implicar igualmente em dificuldades de percepção.

### 3.2-Etno-ornitologia

#### 3.2.1-Conhecimento popular sobre a história natural das aves

Em comunidades rurais brasileiras encontramos indivíduos com alto grau de conhecimento ornitológico, desde comportamentos, vocalizações, reprodução até mitos e lendas (Sick, 1988; Marques, 1998).

Os moradores de Florestina acreditam que as árvores sejam o principal lugar onde as aves podem ser encontradas. Quanto ao horário em que são vistas e/ou ouvidas, a grande maioria acredita que seja pela manhã e à tarde: “*seriema e saracura canta mais tarde, quando o tempo tá fresco com jeito de chuva*”; “*agora, o galo-do-campo não canta*”; “*sai pra passear, à tarde vem para o pouso*”; “*anu e pássaro-preto canta três, quatro horas. Seis horas pára de cantar*”; “*canta a hora que sente fome, de manhã e quando chove. Galisé canta meia-noite*”; “*canta de manhã, acorda felizes*”. *Aramides cajanea* (saracura) emite coros impressionantes durante todo o ano, mais à tardinha, de madrugada e quando chove. As seriemas gritam muito quando o tempo está mudando para chover (Sick, 1988; Andrade, 1997). O canto do *Mimus saturninus* (galo-do-campo) atrai tão pouca atenção que a espécie geralmente passa por “não cantar” ou “cantar mal”

(Sick, 1988). A observação de aves pode ser feita nas últimas horas da tarde, quando as aves realizam movimentos de procura dos locais de pernoite (Andrade, 1997).

Os informantes identificaram os meses de setembro a dezembro como a época do ano em que as aves mais aparecem na região: *“a rolinha entre setembro e outubro, época que chove”*; *“na seca não vê angola e outros pássaros”*; *“mês de frutas, de manga, milho”*. Em nossa região, a estação chuvosa tem início no final do ano, o que corresponde ao momento de maior atividade das aves, o período reprodutivo. A época de reprodução das aves do Brasil é geralmente entre setembro e janeiro, sendo a maior concentração em outubro. O fator preeminente que condiciona as atividades reprodutivas é a fartura de alimento que facilita a criação da prole. O começo das chuvas provoca um forte aumento de insetos e pelo fim da seca há maior abundância de frutas (Sick, 1988). E até mesmo essa noção parece não passar despercebida pelos entrevistados: *“a maioria na época da plantação, setembro, outubro...”*; *“nas águas, dezembro, acha ninho”*; *“periquito tira filhote em setembro, papagaio outubro, novembro”*.

O grupo pesquisado demonstrou um nível apurado de conhecimentos sobre a reprodução das aves, o que coincide com os resultados obtidos por Cadima (2000) em outra comunidade rural da região. Diversos aspectos da reprodução foram citados pelos informantes, incluindo cuidado parental, cortejo e acasalamento, nidificação, entre outros. Alguns desses aspectos são exemplificados, a seguir: *“seriema quando canta é porque tá chocando, tá namorando”*; *“seriema carrega um monte de galhos, tem dois, três filhotes”*; *“galo é gentil, tarado querendo as galinhas. Chamou elas pra ver o bichinho, carinhoso, ajuda a arrumar o ninho; o sexo é rápido. Não é bom pai, não cuida, bate nos filhotes.”*; *“melro choca no ninho de outro; pássaro-preto não cuida, o outro que cuida”*; *“sabiá-peito-roxo faz ninho na bananeira”*; *“sabiá choca*



no pé-de-laranja”; “gavião pega ovos para sustentar filhotes”; “o guaxo faz ninho dependurado”

No início da reprodução, *Cariama cristata* (seriema) vocaliza já antes de clarear o dia, nidifica sobre as árvores, construindo um ninho com gravetos e galhos frágeis, põe de dois a quatro ovos. *Gnorimopsar chopi*, (pássaro-preto ou melro) consegue adaptar-se a várias condições para nidificar e parece estar em vias de perder o instinto de construir seu próprio ninho, aproximando-se às espécies nidoparasitas. *Turdus* (sabiá) freqüentemente se instala sobre um toco de bananeira, arbustos e árvores. As aves Icteridae, como o guaxo, tecem uma bolsa suspensa num galho, em árvores de tronco liso e alto (Sick, 1988; Andrade, 1997).

Em termos de tamanho, a maior etnoespécie reconhecida pelos informantes foi a seriema, seguida da ema. Na verdade, emas são maiores do que as seriemas, de modo que só podemos atribuir esse erro a uma possível falta de convivência dos informantes com as emas, ao contrário do que ocorre com seriemas, já que essas são muito abundantes na área de estudo. Já o beija-flor foi citada como sendo a menor espécie.

Segundo os informantes, a alimentação das aves é bastante diversificada, sendo representada por “fruta”, “minhoca”, “bichinho”, “sementes”, “carniça” e/ou “pedra”. Além disso, também é específica para cada etnoespécie. Assim, o “tucano come mamão”; “saracura come ovo e pintinho”. A comparação dessas descrições com aquelas apresentadas na literatura mostra que há uma acentuada correlação entre o conhecimento popular e o científico (Quadro 1).

Quadro 1 – Comparação entre o conhecimento popular e o científico sobre o comportamento alimentar de aves no cerrado (Distrito de Florestina, Araguari/MG).

Etnoespécie	Etnodescrição do comportamento alimentar	Descrição científica do comportamento alimentar*
“gralha”	“pega os ovos” “fura o ovo e chama os outros” “vem comer ovo”	Fura até ovos de galinha para chupa-los <sup>2</sup>
“pássaro-preto” e “maritaca”	“ataca as lavouras”	Os bandos de “pássaros-pretos” assolam os arrozais; maritacas vão aos arrozais e aos capinzais <sup>2</sup>
“saracura”	“come ovo e pintinho”	Pilham ovos de outras aves <sup>2</sup>
“guaxo”	“laranja”	Alimento misto, dependendo da época do ano <sup>2</sup>
“tucano”	“mamão” “fica no pé de acerola”	Gostam de frutas <sup>3</sup>
“urubu”	“carniça”	Alimentam-se de detritos, restos e carcaças de animais mortos <sup>1</sup>
“seriema”	“inseto”	Come gafanhotos e outros artrópodes, roedores, calangos e outros pequenos animais <sup>3</sup>
“tejo”	“come pimenta”	Onívoros, comem tanto insetos e aranhas como frutinhas e sementes <sup>1</sup>
“beija-flor”	“vem nas flores”	A base de sua alimentação é o néctar <sup>2</sup>

\* Fonte: 1- Santos (1979), 2- Sick (1988) e 3- Andrade (1997).

Alguns moradores relataram que certas aves diminuíram na região: “*tinha muita coisa, agora acabou. Tinha com fartura, sumiu por causa dos venenos*”; “*uns passarinho sumiu, não sei nem porque*”. Segundo Andrade (1997), vários fatores podem ameaçar a avifauna, sendo que



o uso indiscriminado de agrotóxicos vem causando graves conseqüências, em termos da diminuição da diversidade de aves.

Os moradores se mostraram bons observadores de outros aspectos comportamentais das aves, como pode ser observado nas seguintes falas: “*graia só anda de turma*”; “*coruja, corujão e curiango só vê de noite*”; “*seriema não anda sozinha, sempre está com mais um*”; “*seriema dorme na árvore*”; “*teve um papagaio que aprendeu a cantar igual o pássaro-preto*”; “*joão – tolo fica na ponta da estaca*”; “*tem um passarim que fica na ponta do pau*”; “*urutau fica com o bico aberto o dia todo no pau*”.

Bandos de gralhas, de cinco a doze, são comumente observados nos campos e cerrados, assim como corujas e curiingos (Strigidae e Caprimulgidae, respectivamente) são reconhecidamente grupos de hábitos noturnos (Andrade, 1997). De acordo com Sick (1988), *Cariama cristata* (seriema) forma casais ou pequenos bandos e o comportamento de empoleirar-se para pernoitar é freqüente. Esse mesmo autor oferece exemplos de maitaca imitando o crocitar dos tucanos e de *Brotogeris tirica* (periquito) imitando, com perfeição, um anu-preto. Buconídeos (joão-bobo) e urutaus preferem empoleirar-se na ponta de uma estaca ou de um galho para camuflarem, sendo que esses últimos costumam ficar esticados no tronco com a cabeça levantada, confundindo-se com a ponta do galho. Contudo, histórias de que esperam a refeição sentados e de bico aberto, não passam de lenda (Sick, 1988).

Para os informantes, as aves são importantes pela beleza, por comerem insetos e como fonte de alimento. Algumas espécies, no entanto, são consideradas pragas nas plantações, “*pássaro-preto e maritaca ataca as lavouras*”, “*faz é destruir o que a gente planta*”.

Aves são de grande valor na vida do homem e na natureza, alimentam-se de pragas que atacam nossas plantações e pastagens, fornecem alimentação ao homem, transmitem harmonia,

beleza e inspiração. Mas a falta de conhecimento das pessoas sobre a utilidade das aves, muitas vezes leva à matança, para resguardar as culturas. Desempenham função vital na propagação de inúmeras plantas, sobretudo árvores frutíferas (Andrade, 1997).

Muitas são as lendas, mitos, crendices e histórias populares que cercam o homem. Algumas histórias populares correspondem às características realmente existentes nas espécies consideradas e outras não passam de fruto da imaginação das pessoas. Marques (1998) chama de *ornitoáugures* as aves que emitem sons considerados augurais e ainda divide-os em 5 (cinco) categorias que talvez, sejam universais: ornitoáugures funéreos (prenunciam morte), ornitoáugures funestos (prenunciam desgraças), ornitoáugures societários (prenunciam visitas, encontros, etc.), ornitoáugures meteóricos (prenunciam mudanças de tempo e clima) e ornitoáugures fantásticos (prenunciam contatos com o sobrenatural).

Na comunidade de Florestina encontramos ornitoáugures meteóricos: *“rolinha-roxa chama chuva”*; *“sabiá é sinal de chuva”*; *“seriema e saracura canta mais tarde, quando o tempo tá fresco com jeito de chuva”*. Ornitoáugures funestos e funéreos: *“cuá quando canta é coisa ruim canta fora de hora, triste”*; *“coruja quando canta na casa da pessoa, é que vai morrer um, dois meses depois”*; *“acauã olha na gente e dá uma risada feia”*; *“cuã é chama-defunto, quando canta vai morrer alguém, povo fala que já aconteceu”*; *“minha mãe contou que quando cauã canta, morre alguém de casa”*; *“coruja fala que é coisa ruim”*.

Segundo Sick (1988), *“a voz de muitas aves é considerada pelo povo como um prenúncio de chuva”*. O referido autor enfatiza que essa relação pode ser feita no caso de algumas espécies, nas quais fatores climáticos, sobretudo a umidade, exerce considerável influência sobre a atividade reprodutora, e como também sobre o canto.



Várias são as lendas em torno de aves consideradas augurais, muitas delas pelo fato do canto noturno ou considerado “*feio, triste*” por alguns, como no caso da Acauã (*Herpetotheres cachinnans*). A acauã é considerada ave de agouro porque sempre que canta há novidade é adivinhador e quem a ouve cantar fica certo de que lhe ameaça um infortúnio (Santos, 1979). As corujas, por serem de vida noturna, tornaram-se misteriosas e temidas, dando-lhes a fama de agourentas (Sick, 1988). A *Tyto alba* (suindara) é considerada áugure pela população do baixo São Francisco, pesquisada por Marques (1998); sua manifestação acústica é como “*um aviso de morte inevitável e iminente*”. No trabalho de Forth (1998) vários animais noturnos, inclusive corujas, são classificados como *po* e todos são considerados augurais, enquanto os diurnos não o são.

Identificaram-se também situações na qual se estabelece relação entre o local onde a ave é vista ou ouvida com um fato a acontecer: “*acauã canta quando vai agurar, pau-seco vai morrer, pau-verde é para chamar chuva*”; “*beija-flor quando vai acontecer coisa boa vai na varanda, dentro de casa é coisa ruim*”. Caso parecido foi relatado por Forth (1998), segundo o qual o fato de uma coruja cantar quatro vezes representaria um mau presságio para a população pesquisada, enquanto o cantar cinco vezes seria um sinal de agouro para “*outra população*”; ainda, conforme o chamado da ave, o presságio seria para a mulher ou para o homem.

Lendas de caráter religioso também merecem destaque: “*o bem-te-vi canta: 'bem-te-vi-Maria-José'. Não é abençoado*”; “*pombinha na bíblia é abençoada, produz muito por isso*”. Em Alagoas, essa mesma lenda circula e o bem-te-vi é visto como “*um demônio traidor de Cristo*”, pois a repetição de seu canto é que teria mostrado aos soldados de Herodes o percurso da fuga da sagrada família para o Egito (Marques, 1998).

É interessante notar que algumas dessas crendices podem resultar em uma maior proteção para certas espécies de aves, como urubus e seriemas: *“se matar urubu, tem sete anos de atraso”*; *“não pode mexer no ninho de seriema, porque se perde e não consegue voltar pra casa”*.

Um mito bastante difundido esteve presente também entre os moradores de Florestina: *“joão-de-barro tranca dentro de casa, é verdade, é ciumento, não aceita ser traído”*; *“joão-de-barro prende sua fêmea na casa, tem um quarto na casa”*. Hudson (1920) citado por Figueiredo (1995) relata um episódio ocorrido em Buenos Aires, em que uma ave acidentada com uma ratoeira, que lhe decepou ambos os pés, depois de liberada voou para o ninho onde entrou, não sendo mais vista, tendo provavelmente morrido. Seu parceiro permaneceu ali mais dois dias, chamando pelo outro membro do casal e desaparecendo em seguida. Retornou três dias depois com um novo parceiro e juntos carregaram barro para o ninho, fechando a sua entrada. Construíram em seguida outro ninho sobre o primeiro e ali procriaram. Histórias ou acontecimentos como este podem ter gerado a lenda de que o joão-de-barro empareda no ninho a esposa que o traiu.

Cinquenta por cento (50%) dos entrevistados disseram não contar as histórias que conhecem sobre aves aos seus filhos e/ou netos, sendo que uma das justificativas seria que *“isso é coisa dos antigos, é só estória”*. Halmo et al. (1993) ressaltam que, em geral, as comunidades estudadas não têm consciência, ou pelo menos não sabem reconhecer a importância de seus próprios sistemas culturais.

### 3.2.2-Identificação e Nomenclatura populares



Estudos têm demonstrado as habilidades de povos primitivos para distinguir e dar muitos nomes de animais (Diamond, 1966). Os principais critérios utilizados para identificação popular são os morfológicos (Berlin, 1973; Cadima, 2000).

Ter penas, bico e voar foram as características mais citadas pelos entrevistados para identificar uma ave. O vôo das aves é uma perfeita adaptação adquirida durante o processo evolutivo, sendo as penas e o bico adaptações morfológicas importantes para o vôo e características distintivas para essa classe (Sick, 1988; Andrade, 1997).

Para a diferenciação entre “tipos” de aves, as características morfológicas de cor e tamanho receberam destaque. Berlin (1973) diz que geralmente uma única característica, tal como cor ou tamanho, é suficiente para diferenciar duas ou mais espécies populares.

O macho e a fêmea foram diferenciados pelos entrevistados, principalmente pelo tamanho do corpo, da cabeça ou do bico: “a fêmea é sempre menor que o macho”; “a angola quando canta dá pra diferenciar”; “o macho é sempre mais bonito que a fêmea”; “no papagaio a fêmea tem o bico mais comprido e o macho tem o bico mais curto, redondo”; “a fêmea é menor, tem cabeça fina e bico reto, o macho tem o bico curvo”. Essas características também foram apontadas no trabalho de Cadima (2000), sendo as características principais a cor e o tamanho. A fêmea também aparece como sendo sempre menor que o macho. Em Psittacidae, o macho costuma ser mais robusto, principalmente no que concerne ao bico. Já a galinha-d’angola emite um fortíssimo “tô-fracá, tô-fracá”, o que é feito unicamente pela fêmea. O macho dessa espécie emite outro som, diverso e pouco conhecido (Sick, 1988). Em alguns casos, a cor também foi utilizada para separar os sexos: “no canário o macho é amarelo e a fêmea é parda”. Tal identificação pode ser confirmada por Andrade (1997) que diz ser o macho adulto amarelo-ouro, com o alto da cabeça alaranjado e as fêmeas e jovens, as partes superiores são pardo-oliváceas.

O principal atributo empregado para nomear as etnoespécies foi o canto, seguido do comportamento, “bem-te-vi”, “acauã”, “joão-de-barro”, “papa-capim”, “beija-flor”, “come-ovo”, “mulata-boiadeira”, “martim-pescador”, “pica-pau”, o que evidencia a forte tendência aos nomes onomatopéicos. Berlin & O’Neill (1981) citado por Forth (1998) aponta que nomes onomatopéicos formam uma alta proporção da nomenclatura etno-ornitológica.

Os principais aspectos apontados no trabalho de Ribeiro & Marçal Junior (1996) envolvidos na nomenclatura das espécies de artrópodos foram cor, forma e tamanho. Porém artrópodos não possuem a característica de cantar e seu comportamento não é tão visível, como nas aves.

De modo geral, os informantes acreditam que os filhotes de aves sejam diferentes dos adultos, principalmente pelas penas, que “vai empenando”; “a pena muda de cor”. De fato, a maioria das aves nasce nua e após alguns dias nasce no ninhego uma penugem. Depois nascem as penas definitivas, que podem vir após uma segunda ou terceira plumagem (Sick, 1988).

Os entrevistados nomearam 83 (oitenta e três) etnoespécies (Apêndice). “Linha-roxa” pode ser “rolinha-roxa” (*Columbina talpacoti*), “tubaca” pode ser “tobaca” (*Chamaeza camponisona*) e “inhandaia” pode ser “jandaia” (*Aratinga* spp).

A identificação sonora foi apontada nos casos: “sabiá-laranjeira canta: tem-dó-senhor, tem-dó. E sabiá-branco só: dó-senhor”; “bem-te-vi fala direitinho”

*Turdus rufiventris* (sabiá-laranjeira) chama atenção pela seqüência “drüö, drüö...” e em alguns locais um simplificado e monótono “düi-düo düi-düo”. Já *Turdus leucomelas* (sabiá-branco) possui um canto contínuo, menos forte e composto de motivos relativamente simples, uma a duas vezes repetidos, por exemplo, “tchrüid, tchrüid glüo jülö jülö jülö, tírüd” (Sick,



1988). Andrade (1997) destaca a “popularidade” de *Pitangus sulphuratus* (bem-te-vi) pelo seu canto, pelo anúncio freqüente do seu nome.

Na segunda fase da pesquisa, os “*melhores informantes*” identificaram cerca de 54% (cinquenta e quatro por cento) das figuras e 68% (sessenta e oito por cento) dos cantos. Este resultado mostra que a percepção dos informantes é boa, sendo que a sonora é maior e melhor do que a visual. Os exemplares usados como controle, tanto na identificação visual quanto na vocal, não foram reconhecidos, como já era esperado: “*não conheço*”; “*já ouvi, mas deve ser na televisão*”, “*passarim de roupa, nunca vi*”.

A maioria dos entrevistados utilizou apenas um nome para as etnoespécies. As três espécies de beija-flor não receberam especificação, sendo todos “*beija-flor*” ou “*beijinha*”. O beija-flor-tesoura (*Eupetomena macroura*) foi confundido com a tesourinha (*Tyrannus savanna*) por um dos informantes.

As duas espécies de garças (*Casmerodius albus* e *Egretta thula*) também tiveram o mesmo tratamento, sendo tanto uma quanto outra reconhecidas simplesmente como “*garças*”. Esta identificação corresponde ao que Berlin (1973) chama de categoria de classificação “*etnogênero*”, em que há a nomeação do grupo, mas não uma especificação.

Já anu-preto e anu-branco foram separados com os adjetivos, enquadrando-se na categoria “*nomes específicos populares*” de Berlin (1973), em que o nome genérico é modificado por um adjetivo que designa caracteres morfológicos, tal como a cor e/ou tamanho, identificando uma etnoespécie.

Espécies como *Coereba flaveola* (caga-sebo) e *Euphonia chlorotica* (vivi) podem não ter sido reconhecidas por serem espécies de pequeno porte, o que dificulta a sua visualização no



meio. Outras como o pitiguari (*Cyclarhis gujanensis*), podem ser de difícil visualização pelo hábitat.

Alguns exemplares foram confundidos com outras espécies, como a *Dacnis cayana* (saí-azul) que foi trocada por sanhaço (*Traupis* sp), provavelmente pela cor, que é semelhante entre as duas espécies.

Outro exemplo parecido foi o do príncipe (*Pyrocephalus rubinus*) identificado como sendo o sangue-de-boi (*Ramphocelus bresilius*), “parece, é vermelhinho, mas é diferente, o sangue-de-boi é maior”. O suiriri (*Tyrannus melancholicus*) foi identificado como bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), provavelmente pelos dois apresentarem coloração amarela na barriga. Ambos são tiranídeos e o bem-te-vi é uma ave muito popular no país (Andrade, 1997). O critério cor foi bastante evidente nas identificações, o que interferiu em algumas etnoespécies citadas pelos informantes que não corresponderam com a classificação científica.

Na identificação sonora, o quero-quero (*Vanellus chilensis*) foi confundido com curicaca (*Theristicus caudatus*). A vocalização do primeiro é um repetido “tero-tero”, emitido dia e noite, enquanto a curicaca emite gritos fortes, curtos, “kí-kí-kí”, “go-gí”, “tau-táko” (Sick, 1988). Visualmente os informantes não reconheceram nem o quero-quero, nem a curicaca.

A garrincha (*Synallaxis frontalis*) foi identificada acusticamente e nomeada como “troqui” e “tiotrondo”; por seu canto ser onomatopéico, nomes como “crispim”, “tifli”, “sucli”, “chicli” são conhecidos (Sick, 1988). Os nomes dessa etnoespécie parecem assemelhar-se com os encontrados na literatura.

O pardal (*Passer domesticus*) e o tico-tico (*Zonotrichia capensis*), aves bem comuns para comunidades urbanas, não foram reconhecidas pelos informantes. Com isso sugere-se trabalhos

de investigação da avifauna local, para esclarecimento da presença ou não dessas e outras espécies que não foram reconhecidas.

Dentre as etnoespécies mais facilmente reconhecidas, tanto visual quanto vocalmente, estão o “papagaio verdadeiro” (*Amazona aestiva*), a “saracura” (*Aramides cajanea*), o “periquito” (*Brotogeris chiriri*), a “seriema” (*Cariama cristata*), a “pomba-asa-branca” (*Columba picazuro*), o “joão-de-barro” (*Furnarius rufus*), o “bem-te-vi” (*Pitangus sulphuratus*), o “tucano” (*Ramphastos toco*), o “canário” (*Sicalis flaveola*) e o “sabiá-laranjeira” (*Turdus rufiventris*).

Entre essas espécies há algumas de utilidade, como a seriema e saracura, que servem para o consumo. Algumas trazem prejuízos, como o pássaro-preto e o tucano “*ataca as lavouras*” “*come mamão e acerola*”. Outras são conhecidas pela beleza do canto (canário, sabiá) ou por ter o canto, muito conhecido (bem-te-vi, papagaio, periquito).

As espécies com maior significado cultural para uma comunidade, geralmente são as mais perfeitamente reconhecidas (Berlin, 1973). De modo geral, os trabalhos etnobiológicos têm confirmado essa afirmativa. No estudo de Ribeiro & Marçal Jr (1996) as espécies que acarretavam prejuízos às lavouras ou as envolvidas em crendices foram as mais facilmente identificadas pela comunidade de Cruzeiro dos Peixotos. Segundo Cadima (2000) as aves mais bem identificadas são as usadas para consumo, comércio e as prejudiciais às lavouras.

### 3-CONCLUSÕES

Os moradores de Florestina possuem percepção apurada sobre a avifauna regional, mostrando conhecimentos sobre alimentação, vocalização, reprodução e comportamento de modo geral.

A identificação popular é baseada principalmente em critérios morfológicos, como cor, forma e tamanho. Já a nomenclatura é baseada principalmente no canto e comportamento (ecologia da ave).

O conhecimento popular sobre as aves mostra um bom nível de correspondência com o conhecimento científico atual.

Há uma grande riqueza cultural na comunidade pesquisada, sendo de extrema importância a preservação e transmissão dessas tradições. Para tanto, propomos a realização de trabalhos de educação ambiental, embasados nos conhecimentos da população de Florestina, tendo como eixo temático, a avifauna no cerrado.



## 5-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS\*

- A & M Consultores Associados Ltda, 1998, *Conselho Deliberativo do Sebrae-MG, Projeto Desenvolvimento Setorial e Regional*. Sebrae-MG.
- ANDRADE, M. A., 1997, *Aves Silvestres: Minas Gerais*. 2ªed., Ed. Littera Maciel, Belo Horizonte: PUC, 176p.
- BEGOSSI, A. & GARAVELLO, J. C., 1990, Notes of the Ethnoichthyology of fishermen from the Tocantins river (Brazil). *Acta Amazonica*, 20 (único):341-351.
- BEGOSSI, A., 1993, Ecologia Humana: um enfoque das relações homem-ambiente: *Interciência*, 18(1): 121-132. URL:<http://www.interciencia.org.ve>, Data de acesso: 11 de julho de 2002, 13:33h.
- BEGOSSI, A., 1998, Extractive reserves in the Brazilian Amazon: An example to be followed in the Atlantic forest? *Ciência e Cultura*, 50:24-28.
- BERLIN, B., 1966, Taxonomies and Biological Classification. *Science*, 154: 273-275.
- BERLIN, B., 1973, Folk systematics in relation to biological classification and nomenclature. *Ann. Rev. Ecol. Sys.*, 6:259-271.
- CADIMA, C. I., 2000, A diversidade da avifauna do cerrado: um estudo Etno-ornitológico sobre a biologia das aves com a comunidade de Miraporanga (Uberlândia-MG). Monografia de conclusão de curso, Universidade Federal de Uberlândia, MG, 33p.
- DE LA PEÑA, M. R. & RUMBOLL, M., 1998, *Birds of Southern South America and Antarctica*. Harper-Collins Publishers Ltd, 1ª ed., Itália, 304p.
- DIAMOND, J. M., 1966, Zoological Classification System of a Primitive People. *Science*, (15): 1102-1104

---

\*Normas bibliográficas de acordo com a *Revista Brasileira de Biologia*.

- EMMERICH, M. & VALLE, L. de S., 1991, Estudos de Etnobotânica no Parque Indígena do Xingu VII – Plantas abortivas, anticoncepcionais, conceptivas e sexo - determinantes. *Boletim do Herbarium Bradeanum*, 6 (2) : 13-20.
- FIGUEIREDO, L. F. A., 1995, *A reprodução do joão-de-barro, Furnarius rufus (Gmelin, 1788): uma revisão*. *Boletim do CEO* 11: 2-33.
- FORTH, G., 1998, Things that go *po* in the night: The classification of birds, sounds, and spirits among the Nage of Eastern Indonesia. *Journal of Ethnobiology*. 18(2): 189-209.
- GONZAGA, L. & CASTIOGLIONI, G., 2001, *Aves das montanhas do sudeste do Brasil*, Arquivo sonoro Prof. Elias Coelho, Universidade Federal do Rio de Janeiro-Rio de Janeiro.
- HALMO, D. B., STOPFLE, R. W. & EVANS, M. J., 1993, Paitu Nanasuagaindu Pahonupi (Three Sacred Valleys): Cultural Significance of Gosiute, Paiute, and Ute Plants. *Human Organization*, 52(2): 142-150.
- HARRIS, M., 1976, History and significance of the emic/etic distinction. *Ann. Rev. Antropologist*. 5: 329-350.
- HÖFLING, E. & CAMARGO, H. F. de A., 1996, *Aves do Campus*. Edusp, 2ª ed., São Paulo, 126p.
- IBGE, 2000, <http://www.ibge.gov.br>, Data de acesso: 10 de maio de 2003, 10:15h.
- MARINI, M. A., 2001, Effects of forest fragmentation on birds of the cerrado region. *Bird Conservation International*, 11: 11-23.
- MARQUES, J. G. W., 1998, “Do canto bonito ao berro do bode”: percepção do comportamento de vocalização em aves entre camponeses alagoanos. *Revista de Etologia*, (n. especial), p.71-85.



- MINAYO, M. C. de S., 1993, Fase exploratória da pesquisa & Fase de trabalho de campo, pp.189-196, *O desafio do conhecimento—Pesquisa qualitativa em saúde*. 2ª ed., HUCITEC – Abrasco, Sp–RJ, 269p.
- NEHRER, R. & BEGOSSI, A., 2000, Fishing at Copacabana (Rio de Janeiro): Local strategies in a global city. *Ci e Cult J Braz Ass Adv of Sci*, 52(1): 26-30
- PETERSON, A. P., 2002, *Zoonomen Nomenclatural data*. <http://www.zoonomen.net>. Data de acesso: 10 de julho de 2003, 10:10 h.
- PINTO, O. M. O., 1938, *Catálogo das Aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista*. USP, São Paulo, 566p.
- PINTO, O. M. O., 1944, *Catálogo das Aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista – 2ª parte*. USP, São Paulo, 700p.
- POSEY, D. A., 1983, Ethnomethodology as na *Emic* Guide to cultural systems: the case of the Insects and the Kayapó Indians of Amazonia. *Rev. Bras. Zool*, S. Paulo, 1 (3):135-144
- RIBEIRO, S. C. & MARÇAL JUNIOR, O., 1996, Aspectos da taxonomia popular de artrópodos, na comunidade de Cruzeiro dos Peixotos (Uberlândia-MG) I-Identificação e Nomenclatura. *R. Cent. Ci. Bioméd. Univ. Fed. Uberlândia*, 12 (1):13-18.
- SANTOS, E., 1979, *Da ema ao beija-flor*. 1ª ed., Belo Horizonte: Itatiaia, 396p.
- SICK, H., 1988, *Ornitologia Brasileira-uma introdução*. 3ª ed., Brasília: UNB.,828p.
- VAYDA, A. P. & RAPPOPORT, R. A., 1968, Ecology, Cultural e Noncultural. *Introduction to Cultural Anthropology* [Houghton Mifflin Company – Boston] p.477-497
- VIELLIARD, J. 1995a, *Guia Sonoro das aves do Brasil*, CD 1. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, MMS Estúdio.



VIELLIARD, J. 1995b, *Canto de aves do Brasil*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, MMS Estúdio.

VIELLIARD, J. 1999. *Aves do Pantanal*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, MMS Estúdio.

## 6-ANEXOS

**Anexo 1** -- Questionário de avaliação de aspectos etnotaxonômicos, sobre a história natural das aves, na visão de moradores do Distrito de Florestina (Araguari/MG, 2002-2003).

Número:

Data da aplicação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**1. Identificação**

1.1. Nome:

1.2. Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

1.3. Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

1.4. Naturalidade:

1.5. Profissão:

1.6. Escolaridade:

1.7. Tempo de residência na área de estudo:

**2. Questionário**

2.1. Qual é a primeira coisa que o(a) Sr.(a) vê em uma ave?

2.2. Como o(a) Sr.(a) faz para diferenciar cada "tipo" de ave?

2.3. Como o(a) Sr.(a) sabe diferenciar macho e fêmea?

2.4. Dos nomes de aves que o(a) Sr.(a) conhece, por que motivo elas os possui?

( ) cor ( ) canto ( ) comportamento ( ) tamanho

2.5. Onde as aves podem ser vistas?

2.6. E em qual horário o(a) Sr.(a) mais vê ou ouvi as aves?

2.7. Há uma época do ano que elas aparecem mais?

2.8. Em que época do ano as aves se reproduzem?

2.9. Os filhotes são iguais os adultos? ( ) sim ( ) não

2.10. Qual é a maior ave que o(a) Sr.(a) conhece? E a menor?

2.11. Todas as aves voam?

2.12. O que as aves comem?

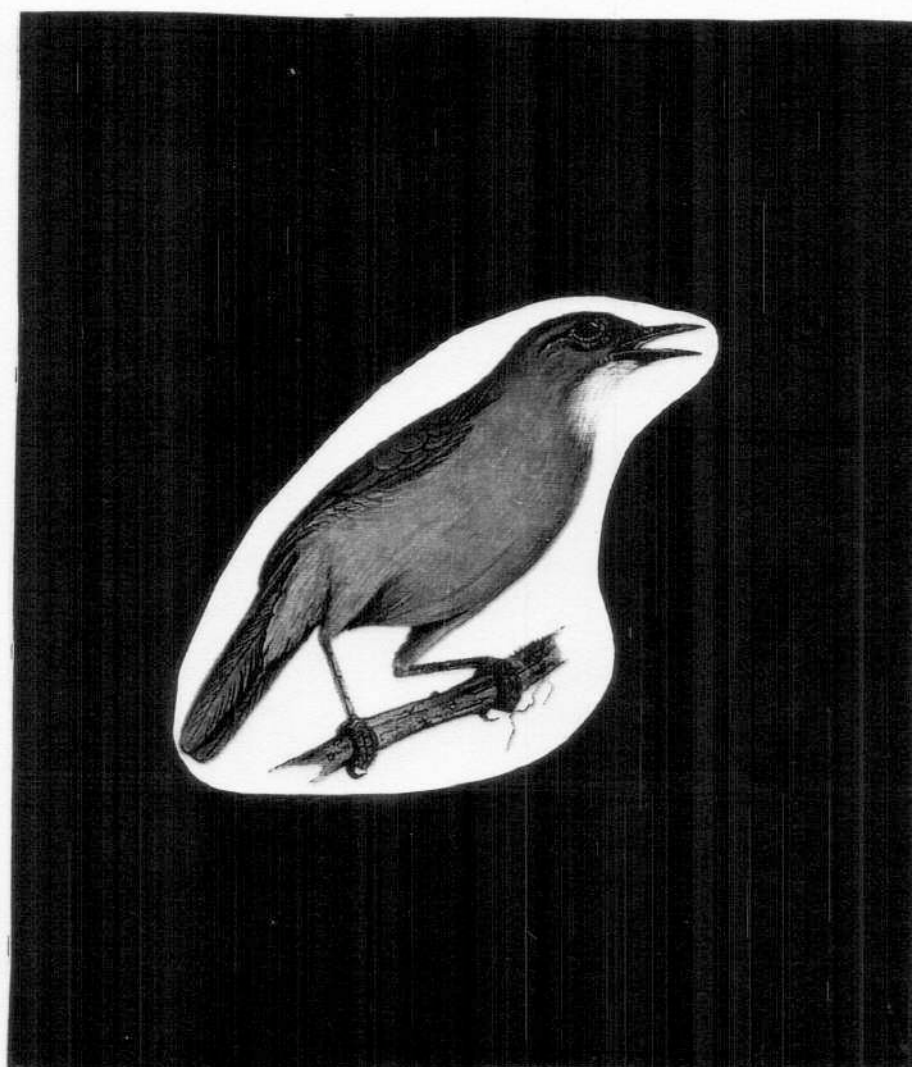
2.13. Como as aves podem ser úteis para o homem?

2.14. O(A) Sr.(a) conhece alguma história de ave?

2.15. O(A) Sr.(a) já contou essa história para alguém (filhos, netos)? ( ) sim ( ) não

2.16. Cite pelo menos 15 aves que o(a) Sr.(a) conhece.

**Anexo 2** – Modelo de prancha utilizada para identificação visual pelos informantes do Distrito de Florestina (Araguari/MG,2002-2003).





**Anexo 3 – Modelo de ficha de identificação das espécies de aves utilizadas na pesquisa desenvolvida junto aos moradores do Distrito de Florestina (Araguari/MG, 2003).**

2.1 - Identificação visual:

Nome científico	Nome popular	Reconhece		Identifi- ca	Figura
		Sim	Não		
<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus) 1758 <sup>1</sup>	Papagaio-verdadeiro				1
<i>Anthracothorax nigricollis</i> (Vieillot) 1817 <sup>1</sup>	Beija-flor-preto				1
<i>Aptenodytes patagonicus</i> Miller 1778 <sup>2</sup>	Pingüim-rei				1
<i>Aramides cajanea</i> (Müller) 1776 <sup>1</sup>	Três-potes				1
<i>Brotogeris chiriri</i> (Vieillot) 1817 <sup>1</sup>	Periquito				1
<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus) 1766 <sup>1</sup>	Seriema				1
<i>Casmerodius albus</i> (Gmelin) 1789 <sup>1</sup>	Garça-branca-grande				1
<i>Ceryle torquata</i> (Linnaeus) 1766 <sup>1</sup>	Martim-pescador-grande				1
<i>Chloephaga poliocephala</i> Sclater 1857 <sup>2</sup>	Ganso				1
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus) 1758 <sup>1</sup>	Caga-sebo				2
<i>Colaptes campestris</i> (Vieillot) 1818 <sup>1</sup>	Pica-pau-do-campo				2
<i>Colibri serrirostris</i> (Vieillot) 1817 <sup>1</sup>	Beija-flor-de-orelha-preta				2
<i>Columba picazuro</i> Temminck 1813 <sup>1</sup>	Pomba-asa-branca				2
<i>Columbina talpacoti</i> Temminck & Knip 1811 <sup>1</sup>	Rolinha-caldo-de-feijão				2
<i>Coragyps atratus</i> (Lichtenstein) 1818 <sup>1</sup>	Urubu-de-cabeça-branca				2
<i>Crax fasciolata</i> Spix 1825 <sup>1</sup>	Mutum-de-penacho				1
<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus 1758 <sup>1</sup>	Anu-preto				2
<i>Cyanocorax cristatellus</i> (Temminck) 1823 <sup>1</sup>	Gralha-do-campo				1
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin) 1789 <sup>1</sup>	Pitiguari				2
<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus) 1766 <sup>1</sup>	Sai-azul				2
<i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus) 1766 <sup>1</sup>	Irerê				2
<i>Egretta thula</i> (Molina) 1782 <sup>1</sup>	Garça-branca-pequena				2
<i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin) 1788 <sup>1</sup>	Beija-flor-tesoura				1
<i>Euphonia chlorotica</i> Linnaeus 1776 <sup>1</sup>	Vivi, Fifi				2
<i>Fregata magnificens</i> Mathews 1915 <sup>2</sup>	Fragata				1
<i>Furnarius rufus</i> Gmelin 1788 <sup>1</sup>	João-de-barro				2
<i>Gallinula chloropus</i> Linnaeus 1758 <sup>1</sup>	Frango-d'água-comum				2
<i>Gnorimopsar chopi</i> Vieillot 1819 <sup>1</sup>	Pássaro-preto, melro				2
<i>Guira guira</i> (Gmelin) 1788 <sup>1</sup>	Anu-branco				2
<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus) 1758 <sup>1</sup>	Acauã				1
<i>Icterus cayanensis</i> Linnaeus 1766 <sup>1</sup>	Encontro				2
<i>Mimus satuminus</i> Lichtenstein 1823 <sup>1</sup>	Sabiá-do-campo				2
<i>Notiochelidon cyanoleuca</i> Vieillot 1817 <sup>1</sup>	Andorinha-pequena				2
<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin) 1789 <sup>1</sup>	Urutau				2
<i>Nyctidromus albicollis</i> Gmelin 1789 <sup>1</sup>	Curiango				2
<i>Nystalus charuru</i> Vieillot 1816 <sup>1</sup>	João-bobo				1
<i>Passer domesticus</i> Linnaeus 1758 <sup>1</sup>	Pardal				2
<i>Pelecanus thagus</i> Molina 1782 <sup>2</sup>	Pelicano				1
<i>Penelope supercilialis</i> Temminck 1815 <sup>1</sup>	Jacupemba				1
<i>Phoenicopterus andinus</i> Philippi 1854 <sup>2</sup>	Flamingo				1

<i>Piaya cayana</i> Linnaeus 1776 <sup>1</sup>	Alma-de-gato	2
<i>Picumnus cirratus</i> Temminck 1825 <sup>1</sup>	Pica-pauzinho	2
<i>Pitangus sulphuratus</i> Linnaeus 1766 <sup>1</sup>	Bem-te-vi	2
<i>Polyborus plancus</i> Gmelin 1788 <sup>1</sup>	Cacarã	2
<i>Procnias nudicollis</i> Vieillot 1817 <sup>1</sup>	Araponga	1
<i>Pyrocephalus rubinus</i> Boddaert 1783 <sup>1</sup>	Verão, Príncipe	2
<i>Ramphastos toco</i> Müller 1776 <sup>1</sup>	Tucanuçu	1
<i>Rhea americana</i> Linnaeus 1758 <sup>1</sup>	Ema	1
<i>Rhinopteryx clamator</i> Vieillot 1807 <sup>1</sup>	Coruja-orelhuda	2
<i>Rupornis magnirostris</i> (Bertoni) 1901 <sup>1</sup>	Gavião-carijó	2
<i>Sicalis flaveola</i> Linnaeus 1766 <sup>1</sup>	Canário	2
<i>Speotyto cunicularia</i> Molina 1782	Coruja-buraqueira	2
<i>Tangara cayana</i> Gmelin 1789 <sup>1</sup>	Saíra-amarela	2
<i>Tersina viridis</i> (Illiger) 1811	Saí-andorinha	2
<i>Theristicus caudatus</i> Boddaert 1783 <sup>1</sup>	Curicaca	1
<i>Thraupis sayaca</i> (Linnaeus) 1766 <sup>1</sup>	Sanhaço	2
<i>Troglodytes aedon</i> Vieillot 1809 <sup>1</sup>	Corruíra	2
<i>Turdus arnaurochalinus</i> Cabanis 1851 <sup>1</sup>	Sabiá-poca	2
<i>Turdus rufiventris</i> Vieillot 1818 <sup>1</sup>	Sabiá-laranjeira	2
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot 1819 <sup>1</sup>	Siriri	2
<i>Tyrannus savanna</i> (Vieillot) 1808 <sup>1</sup>	Tesourinha	2
<i>Tyto alba</i> Scopoli 1769 <sup>1</sup>	Suindara	2
<i>Vanellus chilensis</i> Gmelin 1789 <sup>1</sup>	Quero-quero	2
<i>Volatinia jacarina</i> Linnaeus 1766 <sup>1</sup>	Tiziu	2
<i>Xolmis cinerea</i> Vieillot 1816 <sup>1</sup>	Maria-branca	2
<i>Zonotrichia capensis</i> Müller 1776 <sup>1</sup>	Tico-tico	2

Fonte: 1-Pinto, 1938; Pinto, 1944; 2-Peterson, 2002.

Figuras retiradas: 1-De la Peña & Rumboll, 1998, 2- Höfling & Camargo, 1996.



## 2.2 - Identificação sonora:

Nome científico	Nome popular	Reconhece		Identifica
		Sim	Não	
<i>Crypturellus parvirostris</i> Wagler, 1827 <sup>1</sup>	Inhambu-xororó			
<i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus), 1766 <sup>1</sup>	Irerê			
<i>Vanellus chilensis</i> Gmelin, 1789 <sup>1</sup>	Quero-quero			
<i>Sporophila lineola</i> , Linnaeus, 1758 <sup>1</sup>	Bigodinho			
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin), 1789 <sup>1</sup>	Pitiguari			
<i>Glaucidium brasilianum</i> Gmelin, 1788 <sup>1</sup>	Caburé			
<i>Columba picazuro</i> Temminck, 1813 <sup>1</sup>	Pomba-asa-branca			
<i>Synallaxis frontalis</i> Pelzeln, 1859 <sup>1</sup>	Garrincha			
<i>Turdus rufiventris</i> Vieillot, 1818 <sup>1</sup>	Sabiá-laranjeira			
<i>Crypturellus undulatus</i> Temminck, 1815 <sup>1</sup>	Jaó			
<i>Theristicus caudatus</i> Boddaert, 1783 <sup>1</sup>	Curicaca			
<i>Guira guira</i> (Gmelin), 1788 <sup>1</sup>	Anu-branco			
<i>Brotoyeris chiriri</i> (Vieillot), 1818 <sup>1</sup>	Periquito			
<i>Furnarius rufus</i> Gmelin, 1788 <sup>1</sup>	João-de-barro			
<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus), 1758 <sup>1</sup>	Acauã			
<i>Icterus jamaica</i> (Gmelin), 1788 <sup>1</sup>	Sofrê			
<i>Oryzoborus angolensis</i> Linnaeus, 1766 <sup>1</sup>	Curió			
<i>Tapera naevia</i> Linnaeus, 1766 <sup>1</sup>	Saci			
<i>Thamnophilus doliatus</i> Linnaeus, 1764 <sup>1</sup>	Choca			
<i>Ramphastos toco</i> Müller, 1776 <sup>1</sup>	Tucanuçu			
<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus), 1758 <sup>1</sup>	Papagaio-verdadeiro			
<i>Pitangus sulphuratus</i> Linnaeus, 1766 <sup>1</sup>	Bem-te-vi			
<i>Sicalis flaveola</i> Linnaeus, 1766 <sup>1</sup>	Canário			
<i>Nyctidromus albicollis</i> Gmelin, 1789 <sup>1</sup>	Curiango			
<i>Procnias nudicollis</i> Vieillot, 1817 <sup>1</sup>	Araponga			
<i>Saltator similis</i> Lafresnay & d'Orbigny, 1837 <sup>1</sup>	Trinca-ferro-verdadeiro			
<i>Zonotrichia capensis</i> Müller, 1776 <sup>1</sup>	Tico-tico			
<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus), 1766 <sup>1</sup>	Seriema			
<i>Gnorimopsar chopi</i> Vieillot, 1819 <sup>1</sup>	Pássaro-preto, melro			
<i>Lipaugus vociferans</i> Wied, 1820 <sup>1</sup>	Fri-frió			
<i>Scardafella squammata</i> Lesson, 1831 <sup>1</sup>	Fogo-apagou			
<i>Aramides cajanea</i> (Müller), 1776 <sup>1</sup>	Três-potes			
<i>Cyphorhynchus arada</i> Hermann, 1783 <sup>2</sup>	uirapuru			

Fonte: 1- Pinto, 1938; Pinto, 1944; 2- Peterson, 2002.



## 2.3 - Comparação visual/sonoro

Nome científico	Nome popular	Consegue comparar	
		Sim	Não
<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus) 1758	Papagaio-verdadeiro		
<i>Aramides cajanea</i> (Müller) 1776	Três-potes		
<i>Brotogeris chiriri</i> (Vieillot) 1817	Periquito		
<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus) 1766	Seriema		
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus) 1758	Caga-sebo		
<i>Columba picazuro</i> Temminck 1813	Pomba-asa-branca		
<i>Columbina talpacoti</i> Temminck & Knip 1811	Rolinha-caldo-de-feijão		
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin) 1789	Pitiguari		
<i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus) 1766	Irerê		
<i>Furnarius rufus</i> Gmelin 1788	João-de-barro		
<i>Guira guira</i> (Gmelin) 1788	Anu-branco		
<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus) 1758	Acauã		
<i>Nyctidromus albicollis</i> Gmelin 1789	Curiango		
<i>Pitangus sulphuratus</i> Linnaeus 1766	Bem-te-vi		
<i>Ramphastos toco</i> Müller 1776	Tucanuçu		
<i>Sicalis flaveola</i> Linnaeus 1766	Canário		
<i>Theristicus caudatus</i> Boddaert 1783	Curicaca		
<i>Turdus rufiventris</i> Vieillot 1818	Sabiá-laranjeira		
<i>Vanellus chilensis</i> Gmelin 1789	Quero-quero		
<i>Zonotrichia capensis</i> Müller 1776	Tico-tico		

Fonte: Pinto, 1938; Pinto, 1944.

**Apêndice** – Etnoespécies citadas por moradores do Distrito de Florestina (Araguari/MG)

acauã, alma-de-gato, andorinha, angola, anu, anu-branco, anu-preto, arara, avestruz, azulão, beija-flor, bem-te-vi, bicudo, birro, canarinho, caracará, codorna, coleirinho, come-ovo, coruja, curiango, curicaca, curió, ema, galinha, galo-do-campo, ganso, garça, garricha, gavião, graia, gralha, guaxo, gurricha, inhambu, inhandaia, jacu, jaó, João-de-barro, João-tolo, juriti, linha-roxa, maracanã, maracanã-cabeça-de-coco, maritaca, marreco, martim-pescador, melrinho, melro, mulata, mulata-boiadeira, mulatinha, mutum, papa-capim, papagaio, pardal, pássaro-preto, pato, pavão, perdiz, periquito, periquito-do-reino, peru, pica-pau, pica-pau-cabeça-vermelha, pica-pau-carijozinho, pinheu, pomba-do-bando, rolinha, sabiá, sabiá-laranjeira(peito-roxo), sabiá-peito-branco, sangue-de-boi, sanhaço, saracura, saracura-três-potes, seriema, tejo, tesoura, tiziu, trinca-ferro, troqui, tubaca, tucano, urubu, urutau